

**DO QUE** | A arquitetura dos povos indígenas, quando em contato com a sociedade não indígena, tende a sofrer diversas modificações. Iniciam pela troca de cobertura, depois inserem janelas e com o tempo abrem as portas para a total integração à cultura nacional que, muitas vezes, é acompanhada de uma consciente ou inconsciente negação da origem étnica. **Günter Weimer**

**COMO** | Buscando enaltecer a autostímia da comunidade, priorizando a forma e os usos dos espaços construídos tradicionais, valorizando os materiais naturais há muito utilizados pelo grupo.

**O QUÊ** | Proposta habitacional que respeite o modo de habitar do grupo, valorizando e incentivando uma maior conexão com o entorno natural próximo, ao mesmo tempo em que, estimula também a conexão entre indivíduos de um mesmo núcleo familiar. **Uma oga mais viva.**

**partido formal**

A nova forma da habitação, proposta neste trabalho, surge a partir do **entrelaçamento de características presentes nas formas adotadas por eles anteriormente** e consideradas tradicionais. Seguindo uma linha cronológica, foram analisadas as formas da casa coletiva Guarani - maioiga - e a casa tradicional Guarani Mbya - oga.

A **maioiga** possuía como principal característica a **parede e a cobertura como um único componente** e o seu pé-direito era relativamente alto. Sua materialidade consistia em elementos naturais e locais. A estrutura era formada por madeiras roliças e a parede cobertura era formada por madeiras finas e flexíveis, já que detinha uma certa curvatura, sendo posteriormente forrada com folhas vegetais, geralmente de palmeiras. Desta forma, se concebia uma **habitação "respirável"**, pois ela possuía pequenas frestas por toda a parede cobertura, possibilitando a **renovação do ar de forma constante**, além da entrada de pequenos raios solares, que aqueciam e iluminavam o ambiente.



**Corte Esquemático da Maioiga** sem escala

A oga possui **parede e cobertura como dois componentes distintos** e o pé-direito consideravelmente mais baixo em relação a maioiga. Sua materialidade também consiste em elementos naturais e locais e a estrutura em madeiras roliças se mantém. Com a influência de outras culturas, a parede passa a ser formada, geralmente, por pau-a-pique e taipa-de-mão, enquanto que a cobertura é concebida por folhas de palmeiras, capim santa-fé ou taquirinha batida. Essa cobertura também possui pequenas frestas que possibilitam a saída de fumaça, produzida pelo fogo de chão. Como a parede passou a ser sólida e não houve acréscimo de aberturas, a **ventilação e a insolação naturais são precárias**.

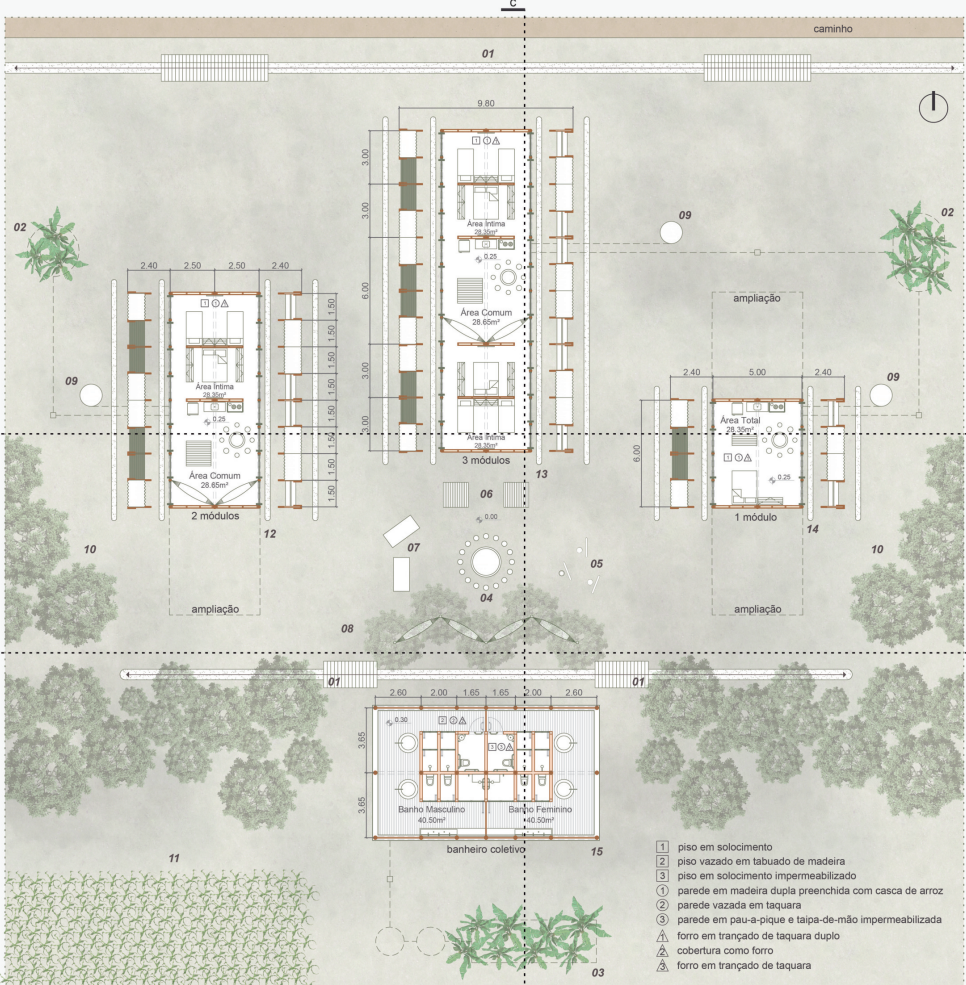


**Corte Esquemático da Oga** sem escala

A proposta faz uma referência à **parede cobertura da maioiga com um telhado que avança até o nível do solo**, ao mesmo tempo em que, mantém as paredes e a cobertura como elementos distintos. Parte desse telhado é **rotacionável**, gerando uma espécie de alpendre que tem o intuito de aumentar a área coberta da habitação e criar uma relação de **união entre habitações** do mesmo núcleo familiar. A estrutura em madeira roliça é preservada, mas com o acréscimo de madeiras serradas. As paredes são formadas por tábuas de madeira, muito utilizadas atualmente por eles, e a cobertura por telhas industrializadas de polícarbonato, já que o grupo não deseja continuar a utilizar coberturas naturais. As fachadas onde se localizam os alpendres, possuem **esquadrins em taquara trançada dupla**, e a **cumeira do telhado possui aberturas para saída de ar quente**, permitindo assim, a **renovação de ar**.

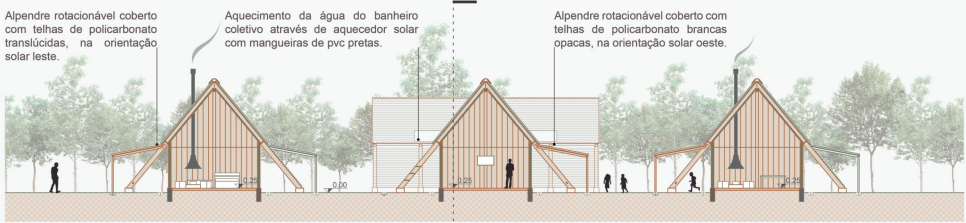


**Corte Esquemático da Proposta** sem escala

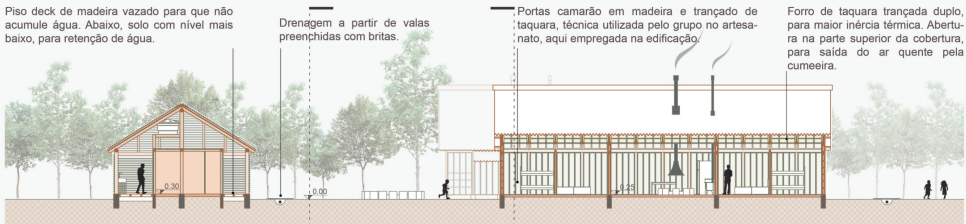


**Planta Baixa Núcleo Familiar** escala 1:150

**\* representação em planta baixa com alpendres fechados**



**Corte Núcleo Familiar | bb'** escala 1:150



**Corte Núcleo Familiar | cc'** escala 1:150

**legenda desenho técnico**

**01.** Drenagem das águas pluviais a partir de valas preenchidas com britas e levemente inclinadas. Pequenas pontes de madeira acima para melhor passagem; **02.** Tratamento das águas cinzas das habitações com círculos de bananeiras; **03.** Tratamento das águas negras produzidas no banheiro coletivo com fossa, filtro e sumidouro TEVAP; **04.** Fogo de chão externo para reuniões dos indivíduos do núcleo familiar, roda de chimarrão, canto, fumo de cachimbo, cozimento de alimentos, conversas, produção de artesanato, etc.; **05.** Argamas para inseridas esquadrins, mas caso os usuários não queiram a entrada de raios solares dessa orientação solar, há a possibilidade de criar barreiras com elementos naturais entre os componentes estruturais da cobertura.

**conforto**

**ventilação** | As esquadrins em taquara trançada dupla, inseridas nas fachadas leste e oeste, possibilitam a **entrada de ar no ambiente interno**. A cumeira do telhado possui abertura inferior, que permite a **saída do ar quente e restos de fumaça ocasionados pelo fogo de chão**. Desta forma, a habitação dispõe de uma **boa renovação do ar interno**, proporcionando uma maior conforto ambiental e evita doenças respiratórias em seus usuários.

**iluminação** | Respeitando a **crença Guarani Mbya**, onde a iluminação natural proveniente da orientação leste tem a capacidade de **limpar o espaço construído das más energias**, toda a fachada leste recebeu esquadrins, que quando abertas, possibilitam a **entrada dos raios solares da manhã** em todos os ambientes da habitação. Na fachada oposta, oselos, também foram inseridas esquadrins, mas caso os usuários não queiram a entrada de raios solares dessa orientação solar, há a possibilidade de criar barreiras com elementos naturais entre os componentes estruturais da cobertura.

**união**

**fogo sagrado** | O uso do fogo de chão está presente no cotidiano do grupo e esteve presente na vida dos seus ancestrais ao longo dos séculos passados. **Sem dúvida, é o elemento mais importante da habitação e tem, dentre outras, a função de proteger espiritualmente o local e os seus usuários**. As habitações propostas possuem um porte maior em comparação com a casa tradicional Mbya, o que possibilita o uso do fogo de chão de forma muito mais segura.

**relação entre habitações** | Os alpendres gerados pela continuidade da cobertura ao ser rotacionada, criam uma **conexão entre as habitações** de um mesmo núcleo familiar, principalmente, quando as esquadrins estão abertas. Desta forma, se adquire também uma **boa relação entre os espaços internos e externos, espaços construídos e naturais, espaços individuais e coletivos**, conectando as habitações com os elementos naturais da paisagem do entorno.

**perspectivas do banheiro coletivo**



Perspectiva do banheiro coletivo com vista para os **tanques** que podem ser utilizados para **dar banho nas crianças e para lavar roupas**. Há **duas torxeiras com alturas distintas**, uma para encher o tanque e outra para lavar os pés e as mãos de quem vem da roça. Ao fundo, há **taquaras posicionadas na horizontal e orientadas para norte**, que podem ser utilizadas como **varais para estender as roupas**. As portas dos sanitários e dos espaços para banhos são formadas por trançados de taquirinha e madeira, técnica e materiais conhecidos e utilizados pelo grupo. O piso em deck de madeira é vazado para que a água não fique acumulada e abaixo dele, há uma cama de brita que retém o excesso de água.



Entre os banheiros masculino e feminino, há **divisórias leves formadas por taquaras pregadas na horizontal**, criando uma barreira física, porém, não visual. Os tanques e a base dos lavatórios são formados por tijolos de taipa e argamassa, é sugerido o acréscimo de óleo vegetal no processo da taipa, para que a resistência ao tempo e à água seja ampliada. Os lavatórios também podem ser produzidos por eles, aqui propostos de argamassa, mas poderiam ser também em taipa. As paredes dos sanitários e dos espaços para banhos são em pau-a-pique, técnica comum ao grupo. O aquecimento da água se dá através de mangueiras de pvc pretas. Todos os elementos em taipa deverão ser revestidos com impermeabilizantes, a fim de aumentar a durabilidade do material.

**perspectivas da habitação**



Perspectiva da habitação, com vista para a **orientação oeste**. Entre os pilares inclinados que dão suporte à cobertura, há espaços que podem ser preenchidos com **taquaras pregadas na horizontal**, se tomando **suportes para plantas trepadeiras**. Desta forma, a luz solar proveniente dessa orientação adentra o interior da habitação de forma difusa, já que o grupo não costuma receber em suas moradias, a luz solar de outras orientações além da leste. As telhas de polícarbonato, tanto da cobertura, quanto dos alpendres da orientação oeste, são brancas leitosas, também para que a luz solar não seja tão direta nos ambientes.



Perspectiva da habitação, com vista para a **orientação leste**. Como os raios solares da manhã têm o poder de limpar a habitação das más energias, conforme a crença Guarani Mbya, a fachada leste das habitações possui esquadrins em sua totalidade. Os pilares inclinados dão suporte a **taquaras que podem ser utilizados como arquibancadas para o espaço livre entre as habitações**. Os alpendres dessa orientação solar, recebem telhas polícarbonato translúcidas, para que não barem a entrada da luz solar direta nos ambientes internos. O fogo sagrado da habitação também está voltado para essa orientação, que é considerada a principal para a entrada no espaço construído.

**perspectiva explodida**



sem escala

**PRÊMIO IAB RS - turmas 2022**  
**JOSÉ ALBANO VOLKMER**

**3/4**